



**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:  
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS COMPETÊNCIAS LINGUÍSTICAS NAS  
ESCOLHAS LEXICAIS DOS SINAIS PRODUZIDOS PELOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS / LÍNGUA  
PORTUGUESA – TILSP DE MANAUS E SÃO PAULO**

Eduardo Figueira Rodrigues

**RESUMO**

Há produção linguística de uma comunidade tem demonstrado a produção de variações linguísticas na expressão da fala, sejam em línguas orais ou espaço-visuais, diversas influências como densidade demográfica, regionalismo ou mesmo as construções sociais repercutem diretamente no discurso comunicativo dos indivíduos. Diante desses pressupostos, levanta-se uma observância acerca das escolhas lexicais realizadas pelos profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais/ Língua Portuguesa - TILSP, atuantes na área de educação. O que cerca essas escolhas lexicais? Seria a origem geográfica? Contexto social de trabalho? Ou ainda gênero, idade, grau de instrução e experiências? Para isso, propõe-se nesse artigo entrevistar e analisar o discurso sinalizado de TILSP de duas regiões do país: Manaus e São Paulo, para assim confirmar ou refutar em um contexto sociolinguístico os questionamentos supracitados.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Variação linguística; Competência;



## 1. INTRODUÇÃO

Quando se escolhe atuar na área da interpretação e tradução o que este profissional precisa ter primeiramente é a competência linguística, pois dependendo do evento, curso de graduação, conversas formais e informais as escolhas lexicais faram toda diferença na fala ou verbalização, portanto para isso existe o código de ética que traz situação de tradução e interpretação no âmbito educacional, mas o norte principal fica dentro do dicionário ou procuras por sinais criados por determinadas cidades do Brasil. Na literatura encontram-se importantes obras que evidenciam a língua brasileira sinais – LIBRAS como língua regida por parâmetros fonológicos no que tange as expressões da língua espaço-visual. O novo Deit-Libras dicionário trilingue do autor Capovila, por exemplo, faz alusão a esses parâmetros, são eles; configuração de mãos (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação das mãos (Or), expressões faciais/corporais (NM). Nesta obra, o autor apresenta um glossário com diversos sinais e apresenta ainda as variações linguísticas destes segundo a maior usabilidade dos sinais por região demográfica, aplicando-se nas áreas urbanas e rurais, pois em cada região haverá suas peculiaridades, influenciando assim, na comunicação.

A partir do léxico que o norteia, faz se entender, portanto, que o autor do discurso reserve-se de uma percepção de natureza estética, isto é, uma percepção para engajar um ponto de vista singular sobre seu discurso.

O site da universidade federal de Santa Catarina apresenta um glossário com terminologias de áreas do ensino superior, isso também faz com que os



interpretes recorram para este dicionário digital a fim de aumentarem os conhecimentos linguísticos na hora da escolha lexical.

O método utilizado foi a entrevista por questionário onde o profissional responde o gênero, cidade, escolaridade e quanto atua na área, no quesito metodologia utilizamos a análises de produção e como glosa para assim entendermos se os mesmo produziram de acordo com as frases fornecidas ou se mudariam.

Por isso, este artigo visa conhecer as variações ocorridas na fala dos TILSP divididos em dois perfis: grupo jovem e grupo adulto, das cidades de Manaus e São Paulo, todos atuantes da esfera educacional, para assim, contextualizarmos através de análise os fatores os quais levam estes profissionais a fazerem tais escolhas lexicais e assim remeter o leitor à uma reflexão do discurso sociolinguístico para este fenômeno.

## 2. HISTÓRICIDADE

Segundo Soares (1999), na cidade de Pavia (Itália), o médico Girolamo Cardano, admitiu como verdadeiro o fato de que o surdo tem a habilidade de raciocinar, pois, segundo ele, a escrita poderia representar os sons da fala ou ideias do pensamento, sendo assim, a surdez não seria um problema para o surdo adquirir conhecimento. Apesar da relevância desse fato para os surdos, devido à ruptura de uma lógica dominante, o episódio teve pouca repercussão, pois a educação de surdos, especialmente neste período (século XV), se destinava aos filhos dos nobres da corte espanhola, a fim de garantirem a continuidade de seus bens materiais no seio familiar.



De acordo com Soares (1999 p.30), fora justamente com os “surdos vagabundos” moradores das ruas de Paris que o abade L’Epée iniciou seus estudos, viabilizando assim, uma mudança drástica e positiva na história da educação dos mesmos. Essa iniciativa permitiu a criação da primeira Escola Pública para Jovens e Adultos surdos em Paris, em 1760.

Segundo Silva e Machado (2014), foi durante o convívio com os surdos que L’Epée percebeu que os gestos cumpriam as mesmas funções das línguas faladas, e portanto, permitiam uma comunicação efetiva entre eles. Assim, inicia-se o processo de reconhecimento da língua de sinais. Além disso, para L’Epée, os sons articulados não eram o essencial na educação de surdos, mas sim, a possibilidade que tinham de aprender a ler e a escrever através da língua de sinais, pois, essa era a forma natural que possuíam para expressar suas ideias.

Os surdos, na Escola Pública para Jovens e Adultos Surdos em Paris, após cinco ou seis anos de formação, utilizava-se da língua de sinais francesa, o francês escrito, o latim e outra língua estrangeira também na modalidade escrita, os alunos surdos também aprendiam geografia, astronomia, álgebra, bem como artes de ofício e atividades físicas.

De acordo com Moura (2000 p.25):

No Brasil, a educação dos surdos teve início durante o Segundo Império, com a chegada do educador francês surdo H Ernest Huet, em 1855, que era ex-aluno surdo do Instituto de Paris. Foi ele quem trouxe o alfabeto manual francês e a Língua Francesa de Sinais e quem iniciou a educação dos surdos no Brasil e deu origem à Língua Brasileira de Sinais.



Atualmente, desde a promulgação de diversas leis e decretos, uma mobilização nacional tem lutado pelo reconhecimento das singularidades e direitos da comunidade surda ao longo dos anos. Um importante marco dessas conquistas foi a oficialização da Língua Brasileira de Sinais, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que torna a Libras um meio legal de comunicação e expressão dos Surdos brasileiros. A referida Lei ainda preconiza, em seu Art. 2º, que devem ser garantidas formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

## 2.1. ESTRUTURA LINGUÍSTICA

Em 1960 o linguista americano William Stokoe atribuiu o status de língua para as línguas de sinais através do estudos acerca da Língua Americana de Sinais (ASL), afinal, observou-se que as línguas na modalidade espaço-visual são regidas pelo o que o autor nomeou de parâmetros, estes por sua vez não carregam significado isoladamente e obedecem uma simultaneidade na execução dos sinais, a saber: configuração de mão (CM), locação ou ponto de articulação (PA) e movimento (M). Posteriormente, Battison (1974 - 1978) atribuiu às línguas de sinais mais dois parâmetros, são eles: orientação das mãos (Or) e expressões faciais/corporais (NM), todos os cinco parâmetros correspondem aos fonemas da língua de sinais.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), entre os anos de 1978 e 1988 os estudos sobre ASL expandiram-se, abrangendo assim, as áreas de morfologia e sintaxe (pág. 50), ao analisar a morfologia e sintaxe as língua de sinais

5



concluiu-se que estas diferem das orais em seu processo combinatório, isto é, enquanto nas línguas orais algumas palavras são formadas por prefixos ou sufixos, nas línguas de sinais resultam de processo não-concatenativos atribuído-se à uma raiz movimentos e contornos no espaço de sinalização. (KLIMA E BELLUGI *apud* QUADROS E KARNOPP, 2004 p. 87).

Levando em consideração essas peculiaridades da linguística das línguas de sinais, abrem-se precedentes para uma discussão acerca da variação linguística evidenciando a identidade sociocultural do usuário, afinal a língua de sinais vernácula do nosso país é multifacetada e assim como nas línguas orais, apresenta variantes lexicais regionais influenciados pela cultura e valores daquela comunidade.

“a maioria no mundo, há, pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas” (JUNIOR *apud* STROBEL E FERNANDES 1998 pág. 56).

Por isso, a proposta deste artigo visa gerar uma reflexão acerca das variações linguísticas encontradas nos léxicos dos TILSP atuantes na área de educação, considerando a gramática da língua brasileira de sinais e como a escolha dos léxicos decorre em seu processo de construção em uma perspectiva sociolinguística.



## 2.2. SOCIOLINGUISTICA

A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. (MARTELOTTA, p.141, 2015)

Para o autor, a sociolinguística parte do seguinte princípio; as variações e mudanças são inerentes às línguas e por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística, para isso, o sociolinguista se interessa pelas manifestações verbais, diferentes variedades de uma língua. Dessa forma, um dos seus objetivos é ter o entendimento de quais são os principais fatores que motivam a variação linguística.

De acordo com Mussalim e Bentes (2001), linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável, mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano, a história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua efetiva e que não deveria estar ausente nas reflexões linguísticas.

Para o autor, o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística, e como que se estabelecem essas diversidades chamadas de variações, as mesmas utilizam um roteiro para atividades de pesquisa a serem desenvolvidas na área da sociolinguística, tais como: identidade social do

7



emissor falante, buscando conhecer as diferenças entre masculino e feminino, identidade social do ouvinte, aqui o pesquisador vai buscar as formas de tratamento, e o contexto social para identificar os estilos formais e informais.

Segundo Suassure (2016 pág.09) a língua é um fator social no sentido de sistema convencional adquirido pelos indivíduos em seu convívio social, tendo a linguagem como a faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua.

Segundo Bagno (2007) esse ponto de vista que nos permite entender e descrever a lógica subjacente tanto às constantes quanto às variações nas formas linguísticas. Nessa perspectiva, as diferenças observadas na pronúncia, na forma de nomear as coisas do mundo, nos modos de dizer e que, muitas vezes, deixam os usuários de uma língua entre perplexos e curiosos — afinal, até que ponto uma língua pode variar e permanecer a mesma? — realmente não são casuais. De certa forma, todas essas variantes são previsíveis, pois se definem com base em parâmetros estabelecidos pela estrutura da própria língua. É exatamente a percepção e o estudo cuidadoso da variação linguística que nos revelam esses padrões, evidenciando, assim, a gramática profunda da língua, em suas constantes e em suas variações possíveis. É nessa perspectiva, também, que a mudança linguística se mostra, não como fruto do acaso ou mesmo dos movimentos, necessidades e percalços vividos pela comunidade em questão, mas como o desdobramento regular e previsível de uma potencialidade da própria língua.

Segundo Mussallim (2001), as diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado não inerente ao fenômeno linguístico, a não aceitação da diferença é responsável por numerosos e





nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo.

A sociedade reage de maneira particularmente consensual quando se trata de questões linguísticas: ficamos chocados diante da palavra inadequada, da concordância verbal não realizada, do estilo impróprio à situação da fala. A intolerância linguística é um dos comportamentos sociais facilmente observável, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais e etc.

Há, portanto, a necessidade de realizar pesquisas acerca da variação linguística e analisar a execução dos sinais e mudança de parâmetros de acordo com os diversos grupos sociais.

### 3. ANÁLISE

Discorrer sobre a temática variação linguística traz a reflexão acerca da equivalência de enunciados, certamente, existem várias formas de se expressar um mesmo discurso, um mesmo conteúdo semântico. Ricardo (2014) apud Labov (1972 b:94) explica: “Qualquer forma variável [...] deve ser reportada com as proporções de casos em que a forma ocorreu no ambiente relevante, comparada ao número total de casos em que ela poderia ter ocorrido” (pág. 68).

Dessa forma, alguns fatores serão determinantes para análise da ocorrência das variantes em um discurso, como por exemplo: o grupo étnico, social, idade, gênero ou mesmo a importância sociossimbólica de determinada variante na comunidade ao qual o indivíduo está inserido.



Levando em conta essa descrição, a seguir serão expostos os resultados da análise comparativa proposta nesse artigo, a mesma nos permitirá compreender a língua brasileira de sinais no tangente às escolhas lexicais dos profissionais tradutores intérpretes e os fatores que aos levaram a essa escolha, tais escolhas são consideradas essenciais, pois, os indivíduos se utilizam desses léxicos para comunicar e se fazer compreender dentro da comunidade de fala.

#### **4. COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICA E DIACRONIA**

Competência linguística - habilidade em manipular com as línguas envolvidas no processo de interpretação (habilidades em entender o objetivo da linguagem usada em todas as suas nuances e habilidade em expressar corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo), os intérpretes precisam ter um excelente conhecimento de ambas as línguas envolvidas na interpretação (ter habilidade para distinguir as ideias principais das ideias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso). (Quadros 2003 apud Robert 1992 p.73, 74.)

Partindo desse pressuposto no momento que o individuo se denomina profissional tradutores intérpretes de língua de sinais/ língua portuguesa - TILSP, ele precisa ter um aporte teórico vasto para fazer essa tradução e interpretação da língua fonte (L1) para língua alvo (L2) fazendo com que a transmissão se torne entendível. Assim, as frases sugeridas foram baseadas na capacidade de tradução da L1 para L2.



- As nuances da cor azul.
- Texto pífiio.
- Seu discurso é uma falácia.

Em especial a frase “*as nuances da cor azul*” foi trazida a proposta de diacronia, o objetivo seria destacar a sinalização da palavra *azul*, pois, a mesma carrega uma mudança histórica desde a origem da variante.

A segunda frase e terceira frase as palavras *pífiio* e *falácia* não são de grande usabilidade, portanto, poderiam ocorrer diversas formas de traduções para expressá-las em um contexto. Como os tradutores intérpretes o fariam? Será que haveria sinalizações em comum ou totalmente divergentes?

Para Quadros (2003) o eixo das evoluções é o eixo diacrônico: nele, a língua é analisada como um produto de uma série de transformações que ocorrem ao longo do tempo, entretanto, essa mudança ocorrem naturalmente, em alguns poucos casos, pressões externas provocam uma mudança linguística. Essas pressões podem ser consequência de contato com outras línguas, ou podem ocorrer devido a algumas mudanças sociais. Todavia, as línguas também podem mudar por razões internas à própria língua.

## 5. RESULTADOS DA ANÁLISE DE VARIANTES

A pesquisa baseou-se a partir do contato com os profissionais tradutores intérpretes de língua de sinais/ língua portuguesa - TILSP de Manaus - AM e de São Paulo Capital, nos foram enviadas as frases supracitadas para que analisássemos as possíveis variações de acordo com a vertente

sociolinguística. Fora aplicado questionário aos TILDP para que pudéssemos perceber os determinantes para as escolhas lexicais durante a sinalização, tais como: gênero; fator social e escolaridade.

As frases foram sinalizadas em libras e enviadas através de vídeos, dessa forma, teríamos um corpus linguístico para análise dos parâmetros utilizados e respectivas variações.

Foram enviados cinco (5) vídeos dos TILSP residentes na cidade de Manaus e (6) vídeos de TILSP residentes na cidade de São Paulo, sendo que os participantes foram divididos em dois grupos, o primeiro de profissionais mais jovens com idade entre 23 a 29 anos e o segundo do grupo adulto com idade entre 38 a 43 anos, como demonstrado na tabela abaixo:

Cidade	Grupo Jovem	Gênero	Grupo Adulto	Gênero
<b>Manaus</b>	TILSP 27 anos	Masculino	TILSP 33 anos	Masculino
	TILSP 25 anos	Masculino		
	TILSP 25 anos	Masculino		
	TISLP 29 anos	Feminino		
<b>São Paulo</b>	TILSP 23 anos	Masculino	TILSP 43 anos	Masculino
	TIPS 23 anos	Feminino	TILSP 41 anos	Feminino
			TILSP 42 anos	Feminino
			TILSP 38 anos	Feminino

Tabela 1 – Quadro geral do perfil dos TILSP entrevistados

Um dos critérios adotados para a escolha dos informantes era estar residindo nas cidades citadas a mais de cinco anos, não necessariamente ter nascido na cidade de interesse de pesquisa. Iniciaremos a análise dos dados pelos TILSP residentes em Manaus, transcrevendo em libras as falas de cada

um, identificando o gênero do profissional e posteriormente comentando acerca das influências profissionais deste.

Na primeira frase “as nuances da cor azul”, percebeu-se que os TILSP de Manaus, pertencentes à ambos os grupos, se utilizaram do mesmo sinal “azul” em suas frases. Como se observa a seguir na figura um, apenas um deles difere quanto a configuração de mão (CM), conforme a figura dois, contudo, durante a execução do sinal os demais parâmetros se igualam:



Figura 1. Sinal “azul”.<sup>1</sup>



Figura 2: CM diferente, sinal “azul”.

Grupo Jovem:

- a) “Azul tons claro escuro” – TILSP masculino
- b) “Cor azul vários” – TISLP masculino
- c) “Cor azul mudanças várias, vários azul” – TILSP masculino
- d) “Cor azul ter vários, azul simples fraca mudando até azul forte” – TILSP feminino

---

<sup>1</sup> Imagem do Próprio autor do artigo: Eduardo Figueira Rodrigues

Grupo Adulto:

- a) “cor azul única? Não, várias, claro escuro várias” – TILSP masculino

Em comum de ambos os grupos o sinal “vários” fora executado da mesma maneira por todos, contudo, interessante o fato de que alguns TILSP se utilizaram do sinal “vários” mais de uma vez na mesma frase para enfatizar a palavra “nuances” e assim, explicar que se trata de vários tons da cor azul.



Figura 3. Sinal “vários” (Autoria do Autor)

A segunda frase “texto pífió”, observa-se que todos se utilizam do sinal desprezível para pontuar a insignificância no contexto de pífió, porém, três profissionais enfatizaram o sinal *fraco* como advérbio de intensidade na frase.

Grupo Jovem:

- a) “Texto desprezível” – TILSP masculino  
b) “Texto desprezível, fraco” – TILSP masculino  
c) “texto desprezível – TILSP masculino  
d) “Esse texto fraco, desprezível” – TILSP feminino



Grupo Adulto:

- a) “Texto leitura fraca, abandonar” – TILSP masculino

A palavra texto fora realizada de forma padrão por todos.

A derradeira frase “seu discurso é uma falácia”, a palavra discurso fora utilizado o sinal correspondente a este em libras, sofrendo duas variações: sinal explicar e sinal informar.

Grupo jovem:

- a) “Discurso informar mentira” – TILSP masculino  
b) “Você explicar mentira” – TILSP masculino  
c) “Seu discurso mentira informar” – TILSP masculino  
d) “Você informação, explicar mentira” – TILSP feminino

Grupo adulto:

- a) “Pessoa discursa, eu observo... hum, mensagem mentira” – TILSP masculino

Porém, observe que no grupo adulto, o profissional TILSP o interpreta como se assumindo um papel de interação dentro do contexto para expressar a frase (como narrador personagem), este por sua vez, projeta o olhar para frente como se estivesse observando a pessoa que discursa, em seguida comenta a mensagem desta, ou seja, o discurso é uma mentira (falácia).

Neste segundo momento da análise, nos dedicaremos às observações dos léxicos escolhidos pelos TISLP residente em São Paulo.

No grupo jovem da cidade de São Paulo, nota-se a divergência na execução do sinal “azul”, uma das participantes o faz partindo de um ponto de articulação (PA) diferente, a PA inicial se dá ao lado direito do queixo e se projeta para o espaço neutro, como mostra a figura quatro, já o outro participante, realiza o sinal considerado “antigo”, como demonstra a figura

15

cinco. No grupo adulto, dentre os quatro participantes, apenas um realizou o sinal atual para a cor azul.



Figura 4. Sinal “azul”, PA inicial ao lado do



Figura 5. Sinal azul, considerado “antigo”.  
queixo e final no espaço neutro. (autoria do autor)

Um fato interessante ocorreu na execução da frase com um dos membros do grupo jovem, este por sua vez suprimiu a informação *nuances*, enquanto os demais participantes, mesmo do grupo adulto preocuparam-se em evidenciar a gradação da cor azul contextualizada na frase.

Grupo Jovem:

- a) “Várias mudanças cor azul”
- b) “Cor azul”

Grupo Adulto:

- c) “Diferença nível cor azul, exemplo azul claro azul escuro”.
- d) “Explicar cor várias, cor azul (datilologia) escura clara azul”
- e) “Várias cor azul”



Os sinais *várias* e *diferença*, foram os léxicos em comum escolhidos pelos profissionais intérpretes de libras, observe a baixo a variação entre estes:



Figura 6. Sinal “várias” (Autoria do Autor)    Figura 7. Sinal “diferente”

Ao analisar a frase “Texto pífio”, notou-se que o grupo jovem fora sucinto e direto em traduzi-lo da seguinte forma:

- a) “texto ruim”
- b) “texto imperfeito”

No exemplo “b”, o termo *imperfeito* usou-se o sinal informal, utilizado para conversas entre conhecidos, este sinal não seria considerado ideal para uma palestra ou ambiente acadêmico. Ao analisar a mesma frase executada pelo grupo adulto, nota-se que estes foram mais detalhistas, preocuparam-se em contextualizar o significado da mesma ou ainda se utilizaram de advérbios de intensidade para expressar o impacto no significado da frase, observe:

- c) “Texto detalhes não ter, zero”.
- d) “Texto não importante”.
- e) “Texto ruim, texto errado, texto imperfeito”
- f) “Texto ruim, muito ruim.”

O sinal “texto” mostrou-se padrão entre ambos os grupos da cidade de São Paulo, como mostra a figura oito.



Figura 8. Sinal “texto” (Autoria do Autor)

No referente à última frase “Seu discurso é uma falácia”, no grupo dos jovens e dos adultos o sinal “discurso” foi sinalizado da mesma maneira (figura 9), apenas um profissional do grupo jovem optou pelo léxico “sinalizar” (figura 10) e no grupo adulto houve duas variantes, um escolheu o léxico “explicar” (figura 11) e o outro o léxico *diálogo* (figura 12), estes foram as variantes percebidas para contextualizar o sinal discurso.

Grupo Jovem:

- a) “Discurso falso”.
- b) “Discurso falso” – variante *sinalizar*.

Grupo Adulto:

- c) “Discurso teu mentira”.
- d) “Falso seu diálogo”.
- e) “Discurso fingir, discurso errado”.
- f) “Sua *explicação* falsa, mentir”.



Figura 9. *Discurso* (Autoria do Autor)



Figura 10. *Sinalizar* (Autoria do autor)      Figura 11. *Explicação*



Figura 12. *Diálogo* (Autoria do Autor)

Outra variante que nos chamou a atenção foi o sinal “falso” (figura 13) e “mentira” (figura 14) usados como referenciais para a palavra *falácia*.



Figura 13. *Falso* (Autoria do Autor)

Figura 14. *Mentira*

A diversidade de um idioma perpassa por fronteiras inimagináveis e principalmente no aspecto variacionista, assim conseguimos encontrar e perceber como são executados determinados sinais de um grupo restrito residentes da cidade de São Paulo, foi interessante e nos possibilitou abranger conhecimentos dos aspectos sociolinguísticos da língua de sinais brasileira.

Nas línguas de sinais acontece da mesma forma e ainda se constata um preconceito linguístico de determinados grupos sociais em não aceitar determinadas variações durante a execução dos sinais. Entretanto, esse artigo evidencia como a língua é viva e que essas variações estão presentes nos discursos, podendo ser regional, estadual, social ou através dos níveis escolares. Observou-se que os TISLP de Manaus estão muito atentos em utilizar-se de sinais atuais, quase não percebeu-se a execução dos sinais

20



antigos. Assim como os grupos de São Paulo, nota-se que mulheres e adultos tendem a explicar com mais riqueza de detalhes determinado contexto, utilizando-se de advérbios de intensidade e repetindo palavras que fazem alusão ao contexto.

As experiências profissionais e o contexto onde os TILSP atuam também influenciam na escolha dos léxicos, notou-se que os tradutores de Manaus e São Paulo, atuantes em ambiente universitário executam sinais mais formais, conhecidos a nível nacional, não se prendem a gírias ou sinais regionais, mas, sinais corriqueiros no meio acadêmico de qualquer parte do país. Já os profissionais atuantes em escolas técnicas e escolas de nível fundamental e médio, usam de sinais mais simples, buscam explicar ao máximo o contexto para que se façam entender em suas traduções.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer as escolhas lexicais sinalizados pelos TILSP em um contexto direcionado, através da sinalização de texto em comum para todos, a fim de observar a ocorrência de variação linguística dos sinais por eles escolhidos e analisá-los sob uma ótica sociolinguística os motivos desse fenômeno fora enriquecedor.

A metodologia utilizada para o artigo fora a pesquisa quali-quantitativa, afinal, trata-se da coleta de dados de grupos restritos e em menor quantidade, assim, um método misto nos permitiu obter maior compreensão do tema abordado, de igual forma, maior precisão nos resultados analisados.



A pesquisa quali-quantitativa se realizou por meio de algumas abordagens, como levantamento bibliográfico sobre a temática ou ainda através de entrevista não-direta, no decurso desta pode-se colher informações a partir de um discurso livre do participante e assim o entrevistador toma nota das informações em um diálogo desenvolvido, dessa maneira logra-se as informações necessárias para análise (SEVERINO, p.125).

A observação também fez parte da abordagem quali-quantitativa, pois, o corpus linguístico coletado foi classificado nas seguintes categorias: idade, gênero, experiências, nível de formação e contexto de atuação dos TILSP (ensino básico, universitário, pós-graduação). Assim, ao estabelecer uma compreensão de dados, confirmar ou refutar os questionamentos, segundo a classificação das categorias estipuladas nas hipóteses, fomos capazes de pontuar as variações linguísticas contidas na tradução dos TILSP dos grupos jovem e adulto de Manaus e São Paulo, da mesma forma, precisar acerca dos motivos que os levaram a realizarem determinadas escolhas lexicais, talvez perfil social, experiência profissional, idade, gênero, entre outros.

Coelho (2010) afirma que o preconceito linguístico vigora firme e sem ser percebido como tal em nossa sociedade, e muitos passam suas vidas acreditando que, de fato, não são capazes de se expressar, que falam uma língua “toda errada” e que nunca terão acesso a alguns de seus direitos mais básicos como cidadãos, como o direito à justiça, à inclusão e à livre defesa de suas posições.

Todavia pesquisas acerca das peculiaridades e vertentes linguísticas da língua brasileira de sinais vêm progressivamente apresentando avanços e novos resultados, trazendo contribuições para inclusão de alunos surdos



trazendo novas possibilidades de aprendizagem e difusão de sinais para cada área do conhecimento de acordo com demandas.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. *Decreto n. 5626*, de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 01 maio. 2016.

BRASIL. *Lei n. 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 01 maio. 2016.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 10º ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

JÚNIOR, Gláucio de Castro. Tese de Mestrado: *Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira*. Brasília – DF, 2011.

MACHADO, Paulo César. SILVA, Vilmar: *Trajatória e movimentos da educação dos surdos*. Texto retirado do endereço: [http://www.virtual.udesc.br/midiateca/Publicações\\_Educação\\_dos\\_Surdos](http://www.virtual.udesc.br/midiateca/Publicações_Educação_dos_Surdos). 2014.

MANACORDA, Mario. Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Manual de Linguística*. 2 ed., 3 reimpressão – São Paulo : Contexto, 2015.

MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Adriana. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.



NETO, O.C. *O Trabalho de Campo como Descoberta da e Criação*. In: MINAYO, M.C.S. *Pesquisa Social, Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis – RJ. 2002. Cap. III, p. 51 - 66.

PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. 10. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990. (Coleção Educação Contemporânea).

QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2003.

QUADROS, Ronice Muller. KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos*. Porto Alegre. Artmed, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23º ed. Editora Cortez. São Paulo, 2007.

SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Campinas: Autores Associados/Bragança Paulista, 1999.

SUASSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística Geral*. 28 ed 2012 2º reimpressão 2016. São Paulo. p.312.

#### IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR:

#### EDUARDO FIGUEIRA RODRIGUES



Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário do Norte (2012). Especialista em Administração, Orientação, Supervisão Escolar, Neuropsicopedagogia e em Língua Portuguesa, pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (2014). Especialista em Libras pela Universidade Católica Dom Bosco (2015). Discente do curso Letras-libras da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Mestrando em Ciências da Educação (2017) pela Universidade Privada Del Leste. Atua como Docente do curso de Letras-Libras e Pedagogia do Centro Universitário Leonardo Da Vinci, Manaus-AM.

E-mail: [edu\\_figueira20@hotmail.com](mailto:edu_figueira20@hotmail.com)